QUASE UM CINQUENTÃO

Salão Internacional de Humor de Piracicaba

Rafael Bitencourt

A Secretaria Municipal da Ação Cultural apresenta

QUASE UM CINQUENTÃO

Salão Internacional de Humor de Piracicaba

Rafael Bitencourt

LEI ALDIR BLANC
PREFEITURA MUNICIPAL PIRACICABA
Semac SECRETARIA MUNICIPAL DA AÇÃO CULTURAL Piracicaba
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Projeto apoiado pela Lei Emergencial Aldir Blanc nº 14.017/2020

EXPEDIENTE

Pesquisa e textos
Rafael Bitencourt

Diagramação e arte final
Rafael Bitencourt

Fotos
Rafael Bitencourt e Claudia Assencio

Obras e cartazes oficiais
Acervo do Salão Internacional
de Humor de Piracicaba

**Projeto apoiado pela Lei Emergencial*
Aldir Blanc nº 14.017/2020

Rafael Bitencourt
Jornalista
MTB 51.477/SP

SUMÁRIO

Editorial 5

Como nasceu a ideia 8
Movimentação em Piracicaba 11

O Salão abre suas portas! 12
Vestido? 16
Começando uma trilha 17

Internacional! 18
"Oscar do humor gráfico mundial" 21

Ironia e síntese 22
DNA do Salão 25

Charge, cartum, caricatura e HQ 26

Purgatório, inferno e céu 29

Engenho Central: "Maturidade" 32
Nova cara 34
Solenidade de abertura 35
Revisitando a simbologia circense 36

O rio influencia o humor 37
Conexão com o rio 39

Salão, cultura e meio ambiente 40
Provocação a uma "cultura do passado" 42

Salãozinho 43
Humor em sala de aula 45

Mulheres no humor 46
Força e determinação 47

Inimigo oculto 49
Não se sabe muito bem 51
Triste realidade 52

"Nossas vidas pulsam arte" 53
Grande Prêmio 55

Charlie Hebdo e homenagens 56
Somos todos cartunistas 58
Quase veio! 59
Cartaz 60
Liberdade de expressão 61

50 anos sem modéstia 63

Importância da criatividade: "Imutável" 66

Novas mídias: Mais próximo do público 69

Diferentes ações 72

Futuro e patrimônio 76
Levantamento histórico 78

Reflexões finais 80

Referências bibliográficas 83

Sobre o autor 84

EDITORIAL

Na minha trajetória como jornalista, a linguagem do humor gráfico e principalmente o Salão Internacional de Humor de Piracicaba ocupam um lugar especial.

Lembro-me com orgulho de uma oportunidade em 2002 em que eu, ainda um aluno da graduação em jornalismo, fui convidado pela TV Unimep e pelo eterno mestre Camilo Riani a entrevistar Fernando Gonsales, autor da tira Níquel Náusea – que eu lia desde a infância. A entrevista aconteceu na residência do cartunista, em São Paulo.

Ainda tenho a fita VHS com o registro, assim como guardo a coleção de revistas do personagem que ganhei do autor. A ocasião, para mim, é uma espécie de ritual de passagem. A partir dali, passei a me considerar, de fato, um jornalista, mesmo que ainda restassem dois anos de graduação pela frente.

Outro fato que ocupa lugar privilegiado entre as minhas melhores memórias ocorreu em 2010. Tive a honra de receber, das mãos de meus ídolos Zélio e Ziraldo, uma homenagem pela cobertura jornalística do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Àquela altura, eu já atuava há alguns anos em veículos de imprensa. Noticiar o evento, suas paralelas e seus artistas era uma parte da minha rotina da qual eu me orgulhava e que me dava prazer. Também guardo algumas reportagens da época até hoje – nesse caso, já em formato digital.

Mas o maior prêmio veio no ano seguinte, 2011, quando fui convidado a integrar a equipe de comunicação do Salão, atuação que se repetiu por diferentes edições e, em muitos desses anos, tive a honra de coordenar os trabalhos de assessoria de imprensa.

Concomitantemente à atuação em jornais impressos e digitais, emissoras de TV e rádio, o trabalho na organização do Salão me trouxe uma concepção mais ampla do evento, tanto por presenciar corriqueiramente a dinâmica organizacional, como pelo contato mais direto com os artistas, com os quais pude conviver e os quais tive a oportunidade de entrevistar em diferentes momentos.

Este livro – já pensado e concebido como um *e-book* – reúne algumas das entrevistas, análises e fotografias que produzi ao longo desses já tantos anos, somadas a uma coleta recente de materiais, necessários para fazer a amarração dessa bela história.

O formato híbrido, apesar de privilegiar características mais comuns em um livro-reportagem, reúne, ainda, ferramentas habituais em textos acadêmico-científicos, como a utilização de citações de artigos e livros que abordam, principalmente, os primeiros anos do evento.

O material foi formatado a partir de um trabalho intenso e muito criterioso de sistematização de informações. Afinal, não é fácil estar à altura de um dos concursos mais antigos do gênero, que se mantém como espaço de reflexão e uma vitrine do que acontece no mundo.

Sou muito grato ao Salão Internacional de Humor de Piracicaba, evento que caminha a largos passos para, em 2023, tornar-se um cinquentão. A produção desse material é uma forma de retribuir todos os ótimos momentos e o aprendizado que obtive ao longo da minha trajetória profissional, num período em que tanto precisamos de informação jornalística de qualidade frente à grande disseminação de desinformação, que é tão nociva à sociedade.

Boa leitura!

Rafael Bitencourt
Jornalista e escritor

COMO NASCEU A IDEIA

“O Salão de Piracicaba nasceu da cabeça de um bando de alucinados nativos”.

Zélio Alves Pinto

Exposição em 2019 prestou homenagem ao primeiro Salão, em 1974

Coragem! Essa é a marca do, na fala de Zélio Alves Pinto, “bando de alucinados nativos” que ousaram dar início a um Salão de Humor, que certamente teceria críticas ao regime vigente na época, em plenos anos 1970, quando o Brasil vivia os tempos sombrios da ditadura militar.

Esses piracicabanos tinham como inspiração o jornal carioca “O Pasquim” que, de forma igualmente corajosa, chegava às bancas em 1969 revolucionando a forma de se fazer jornal com um tom debochado, indignado e visivelmente crítico ao regime ditatorial.

Para cumprir o objetivo, o grupo partiu rumo ao Rio de Janeiro. “Ao que tudo indica, foram duas expedições”, conta Paulo Caruso no livro Piracicaba 30 Anos de Humor.

“A primeira, promovida pelo jornalista Roberto Cêra e pelo artista plástico Ermelindo Nardim. Chegaram ao Rio em 1972 e estabeleceram contatos com a patota do Pasquim”. O projeto foi apresentado ao cartunista Jaguar, que aprovou a iniciativa.

Em 1973, aconteceria a segunda viagem que, ainda de acordo com Caruso, reuniu Alceu Marozzi Righetto, Colonnese e Adolpho Queiroz, que levaram garrafões de pinga.

“Os garrafões estouraram pelo caminho, com o calor que emanava para dentro do Galaxie preto da prefeitura e eles entraram, avenida Brasil adentro, ungidos pelo odor característico”.

Perrengues alcóolicos à parte, os piracicabanos conquistaram o apoio de Jaguar, Millôr Fernandes, Paulo Francis e Zélio Alves Pinto.

“Quando nós fomos convocados para criar o Salão, uma das coisas que eu constatei, primeiro, era onde Piracicaba estava localizada geograficamente, envolvida por cidades de porte médio, alto poder aquisitivo e alto nível de alfabetização, que são fundamentais numa iniciativa como essa”, diz Zélio.

Além de características geográficas e econômicas atrativas, Piracicaba, no início dos anos 1970, também já se destacava no setor cultural, com eventos ininterruptos, como o Salão de Belas Artes (SBA), criado em 1952 e o Salão de Arte Contemporânea (SAC), idealizado em 1967.

“Quando eu vi que a comunidade local tinha essa tendência de preservar esse tipo de iniciativa, eu me senti muito à vontade para poder falar e convidar todo mundo para o Salão de Piracicaba”, recorda Zélio.

Zélio Alves Pinto é um dos fundadores do Salão

No mesmo período, em solos piracicabanos, a articulação para a criação do Salão de Humor acontecia no Café do Bule, bar instalado na Praça José Bonifácio, onde se reuniam jornalistas e intelectuais.

O intuito era viabilizar um salão baseado no evento realizado em 1973 pelo Mackenzie no Museu Lasar Segall, em São Paulo, possivelmente, o primeiro salão de humor realizado no Brasil. Outra inspiração era o salão de Lucca, na Itália.

Foi quando um grupo de jornalistas procurou o então secretário de Turismo, Luiz Antônio Lopes Fagundes, com o objetivo de realizar uma exposição gráfica de humor no município. O próximo a ser procurado foi o então prefeito de Piracicaba, Adilson Maluf, que topou a ideia.

Há quem diga que, para viabilizar a edição inaugural do salão, fora utilizada uma verba originalmente destinada à realização de um salão de fotografias, que funcionaria como um pontapé inicial para a criação de um museu da imagem e do som.

Entretanto, há uma outra versão, segundo a qual o financiamento era advindo de uma exposição de orquídeas que não teria acontecido.

O fato é que os planos para realização do Salão saíram do papel! É o que veremos a seguir.

O SALÃO ABRE SUAS PORTAS!

“Ao sair, o capitão reforçou que achou o humor de bom gosto, nada ofensivo, cumprimentando todos os cartunistas e organizadores presentes. Bom estrategista, sem dúvida alguma”.

João Maffeis Netto

Em 2019, a AHA (Associação dos Amigos do Salão Internacional de Humor de Piracicaba) realizou a mostra "I Salão de Humor, 45 anos depois", no mesmo local que abrigou a edição inaugural do evento em 1974: a antiga sede do Banco Português, localizada na Praça José Bonifácio

O I Salão de Humor de Piracicaba, enfim, abriu suas portas em agosto de 1974, na sede do antigo Banco Português, na Praça José Bonifácio, centro da cidade.

No mesmo ano em que o Salão surgia, assumia a presidência da república o general Ernesto Geisel, que teve papel de destaque no golpe que deu origem ao regime militar e que, certamente, não conduziria o governo de forma a possibilitar uma restauração democrática.

Muito pelo contrário, o esperado (que veio a se concretizar) era um sistema ditatorial mais organizado, que deu continuidade à censura imposta aos meios de comunicação e à arte, como evidencia João Maffeis Netto (2003):

> Os grandes jornais e as publicações periódicas eram acompanhados de censores. (...). Peças teatrais, filmes, novelas e musicais que pudessem de alguma forma agredir o governo eram censurados e não raro os autores tinham de prestar esclarecimentos aos órgãos de repressão e muitos acabaram sendo perseguidos pelo sistema. [1]

1] MAFFEIS NETTO, João. In **PIRACICABA, 30 anos de humor.** Imprensa Oficial, Governo do Estado de São Paulo, 2003.

Uma conjuntura que em nada favorecia o desejo de uma cidade do interior do estado de São Paulo sediar um evento que contaria com desenhos de humor de teor crítico. O risco desses desenhos terem sua exibição proibida eram enormes, assim como os organizadores corriam sério risco de perseguição.

Entretanto, havia grande expectativa popular para a realização do evento em uma cidade de vanguarda, que reverenciava a cultura, mesmo com um inesperado revés.

Em seu livro "Linguagem & cartum...tá rindo do quê? Um mergulho nos Salões de Humor de Piracicaba", o pesquisador, professor e artista Camilo Riani - que foi presidente do Salão Universitário de Humor, realizado pela Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba) - cita que o antigo espaço da agência fora cedido pelo gerente, que, mesmo sem ter grandes detalhes, permitiu que o evento fosse realizado durante uma viagem que faria.

Ao retornar à Piracicaba, ainda segundo Riani, que traz à tona as memórias de Adolpho Queiroz, o gerente "viu que não se tratava de uma simples 'galeria de artes' e pediu para que fosse interrompida".

Exposição em 2019 prestou homenagem ao primeiro Salão, realizado em 1974

Possivelmente, o profissional da agência bancária estava preocupado com a repercussão de uma mostra com desenhos claramente críticos ao regime vigente e temia represálias.

Inclusive, a abertura do primeiro salão teve a presença de militares, o que gerou preocupação:

> Até o representante do Exército em Piracicaba estava presente, causando uma certa apreensão, superada em parte quando ele declarou que ali se encontrava por curiosidade e não a trabalho. Ao sair, o capitão reforçou que achou o humor de bom gosto, nada ofensivo, cumprimentando todos os cartunistas e organizadores presentes. Bom estrategista, sem dúvida alguma. Um investigador da polícia era o representante do DOI-Codi, [que] fez vista grossa, mas não cessava de pedir aos organizadores que encerrassem 'aquilo' o mais rápido possível". [1]

O que o investigador não sabia é que "aquilo" estava só começando. A julgar pelo trabalho vitorioso na edição inaugural, o tom crítico seria uma constante...

VESTIDO?

O trabalho premiado no primeiro Salão, de autoria de Laerte Coutinho, era uma obra de pura contestação, inspirada numa fábula de Hans Christian Andersen, que contava a história de um vaidoso rei, a quem um inventivo costureiro propôs produzir a vestimenta mais original possível.

Após despir-se completamente, o rei ouviu o costureiro inventar que colocava um pano aqui, um sapato ali, um acessório acolá, enfim, criando uma roupa imaginária e ampliando a imaginação do monarca que, com a indumentária “pronta”, ordenou a abertura das portas do palácio para que pudesse exibi-la a todo o reino.

Apesar dos sussurros, todos – submissos ao sistema e a seu mandante – aplaudiram. Até que um menino disse em voz alta à sua mãe: “O rei está nu!”. Contrariado, o monarca mandou que prendessem o único em todo o reino que ousou dizer a verdade.

Uma clara alusão ao regime militar, que punia aqueles que não se sujeitavam aos seus desejos.

Trabalho de Laerte Coutinho premiado no I Salão, em 1974

COMEÇANDO UMA TRILHA

Anos mais tarde, em entrevista ao “Riso” (Jornal do Salão), Laerte lembrou como era fazer humor em meio a tempos sombrios.

“Apesar de todo o peso da censura, do medo de sanções de origem tenebrosa, éramos jovens e cheios de vontade de fazer coisas. Estávamos começando uma trilha, fazendo descobertas, nos conhecendo e conhecendo o país”, disse a artista, que abordou a importância de vencer o primeiro salão.

“O prêmio fez toda a diferença. Foi uma espécie de fundação pessoal. O Salão não era internacional, mas que era?”

Isso mudaria pouco tempo depois...

Abertura do Salão é sempre muito aguardada pelos artistas e pelo público

INTERNACIONAL!

"Os olhos de todo o mundo se voltaram para Piracicaba, que se tornou um dos maiores anseios de artistas gráficos".

Junior Kadeshi

Pouco tempo após sua abertura, o Salão rompeu as fronteiras brasileiras. Como apontado por Adolpho Queiroz, a internacionalização aconteceu por meio de Zélio Alves Pinto, responsável pela vinda de editores franceses ao evento, entre eles, Claude Moliterni.

"Claude Moliterni foi o primeiro visitante ilustre da Europa a prestigiar o salão e sua editora, a Dargot, era na época uma das editoras de ponta no mundo do humor gráfico e dos quadrinhos", afirma Queiroz.

Em seguida, houve a vinda de Sergio Aragonés (espanhol) e Hermenegildo Sábat (uruguaio nacionalizado argentino).

Cartaz oficial do 2º Salão (esquerda) indica a participação do Moliterni; já no cartaz do 4º ano (direita), aparece a palavra "internacional"

Os anos seguintes foram de rápido crescimento do Salão, que se estabelecia como um refúgio dos artistas durante os sombrios tempos da ditadura. Ou, como Riani escreveu:

> [Os humoristas brasileiros] viam no evento a possibilidade de se reunirem naqueles tempos de perseguição política, quando os jornais dos grandes centros estavam submetidos aos "olhos observadores do regime militar". Desse modo, logo o Salão passa a ter uma dimensão para além das fronteiras do País, configurando-se como um evento internacional.[2]

Uma ampliação que, ainda de acordo com Riani, ocorreu também como forma de aumentar a segurança dos artistas.

> Uma possível violação de direitos aos cartunistas, fato comum nos tempos da censura, provavelmente não poderia ser noticiada pela imprensa nacional. Seria, então, fundamental uma "ponte" entre o Salão de Humor de Piracicaba e jornais/revistas estrangeiras, garantindo uma divulgação pela mídia internacional sobre algum problema grave que pudesse ocorrer. [2]

2] RIANI, Camilo. "**Linguagem & cartum...tá rindo do quê? Um mergulho nos Salões de Humor de Piracicaba"**. Editora Unimep, 2002.

"OSCAR DO HUMOR GRÁFICO MUNDIAL"

Os primeiros anos do evento foram marcados pelo trabalho intenso da organização e a animação de jovens artistas que começavam a despontar.

“Eu, Angeli, Luiz Gê, Jota, Chico e Paulo Caruso, Laerte, Glauco (que veio um pouco depois) éramos jovens profissionais começando na imprensa. Havia uma grande expectativa por nós de como seria o Salão, que desenhos seriam escolhidos” diz Alcy Linares.

“Eu fui praticamente um operário do Salão porque, além de ajudar na concepção, eu participei da montagem do evento. E depois, como participante do primeiro Salão, eu já fiquei entusiasmado, participei e fui selecionado com um desenho”, afirma Fausto Longo, que mais tarde faria parte do parlamento italiano.

É interessante notar que um evento concebido a partir de um importante jornal, tenha, a partir de sua viabilização, contribuído na formação de novos profissionais que viriam a trabalhar na grande imprensa, embora o objetivo inicial era ser um espaço livre para apresentação de ideias.

“Era um estímulo ao extravasamento de opiniões, de sensações. Era esse o objetivo”, afirma o publicitário Carlos Colonnese, um dos fundadores. “Mas acabou se tornando muito importante para a imprensa brasileira, porque muitos talentos que já estavam aflorando e mostraram seus trabalhos no Salão de Humor, foram vistos por editores de grandes jornais”.

Entre os nomes de destaque das primeiras edições, é possível citar ainda Ziraldo (irmão de Zélio), Henfil, Luis Fernando Veríssimo, Chico Caruso (irmão de Paulo), entre tantos outros.

"Os olhos de artistas de todo o mundo se voltaram para Piracicaba, que se tornou um dos maiores anseios de artistas gráficos amadores e profissionais. O objetivo era ter seus trabalhos expostos ou até mesmo arrebatar um dos prêmios do conhecido 'Oscar do Humor Gráfico Mundial'", diz Junior Kadeshi, atual diretor do Salão.

IRONIA E SÍNTESE

"O humor possibilita diferentes ferramentas. Entre elas, a ironia e a síntese".

O humor possibilita diferentes abordagens, difundidas por meio das charges, caricaturas, cartuns e tiras. Entre as ferramentas possíveis, destacam-se a ironia e a síntese, presentes em dois importantes trabalhos evidenciados pelo Salão.

Em 1975, o então jovem Angeli (Arnaldo Angeli Filho), recebeu o terceiro lugar com uma inovadora – e perturbadora, ao menos para os ditadores – obra, que fazia uma analogia à triste sociedade civil do período, que era obrigado a se restringir a um espaço onde não havia liberdade: todos estavam presos num cercado rodeado de arame farpado, guardado por militares armados. Como explicado por Queiroz:

> [Há] um único sorriso no cercado: um homem que segura um feixe de bexigas coloridas, o único feliz naquele emaranhado de tristezas. Há entre os personagens um amarrado e amordaçado. Enfim, a sociedade presa, calada, tristonha e sem grandes chances de se manifestar como a que foi submetida pelos militares durante quase 25 anos da ditadura militar, entre 1964 a 1985. [3]

Trabalho de Angeli obteve o 3º lugar no Salão em 1975

3] QUEIROZ, Adolpho. **Humor e contrapropaganda política: a contribuição histórica do Salão de Piracicaba**. (Artigo).

Ao serem “soltas” as pessoas recebiam uma pequena máscara com o formato de um sorriso, distribuídas por duas mesas que controlavam o movimento.

Alguns anos depois, no final da década de 1970, o fim da ditadura militar brasileira estava cada vez mais próximo. E o sentimento predominante da época, tanto por parte dos artistas como da sociedade de uma forma geral, estava bem sintetizado no cartaz oficial do 6º Salão, realizado em 1979, produzido por Glauco Vilas Boas.

> [...] nosso pássaro medroso engaiolado durante uma vida toda (uma analogia há 25 anos em que toda uma geração se viu privada de exercer os direitos mais comezinhos de expressão, especialmente no campo político), talvez quisesse nos dizer: “para onde ir agora?” É que depois de tanto tempo “sem poder voar”, sem poder se expressar, votar livremente e expressar seus pensamentos sem medo de ir preso ou ser torturado, como era comum naqueles dias, o nosso pássaro símbolo mostrava-se reticente para a nova empreitada que a vida e a liberdade se lhe apresentavam naquele momento. [3]

Cartaz oficial do 6º Salão, em 1979, produzido por Glauco Vilas Boas

A imagem é definida por Queiroz como uma das mais fortes e marcantes do Salão. Com a liberdade, conquistada alguns anos depois, o pássaro "alçou as árvores, primeiro com as asas meio enferrujadas, mas depois, com um vigor que o transformou num símbolo e com o trinado especial de um canto que sufocou a tristeza".

Erasmo Spadotto é um artista conhecido em Piracicaba, cidade para onde se mudou no final de 1980, quando deixou sua cidade natal, Santa Maria da Serra. Fez carreira como chargista, ao atuar em importantes veículos de imprensa do município.

Antes do reconhecimento, começou a desenhar, ainda nos anos 1980, e passou a enviar trabalhos ao Salão. A primeira vez que uma dessas obras foi selecionada no evento foi em 1994 - uma charge sobre aposentadoria - que recebeu menção honrosa. O artista seria laureado novamente em outra edição. Mas a grande realização viria anos depois.

"O maior prêmio que eu recebi do Salão foi ter sido convidado para ser diretor do evento", diz Spadotto, em referência ao cargo que ocupou entre 2017 e 2020.

"Lá dentro você tem uma visão diferente, porque enquanto você é artista e envia obras, é uma coisa. Trabalhando na organização você vê o mecanismo, como funciona. Você vê o evento no começo, no meio e no fim. É apaixonante", recorda o artista, que define a charge como o DNA do evento.

"Quando o Salão começou, era charge contra a ditadura e naquela época não tinha categorias, só havia a charge, uma linguagem que os artistas transferiram dos jornais e revistas para o Salão, para fazer a resistência por meio do evento e mostrar que não eram só os jornais que publicavam apelos contra a repressão. O Salão, a partir daquele ano, também passou a fazer isso e, pra mim, o DNA do Salão é a charge", opina.

A seguir, vamos conhecer, a partir das explicações de outro importante ex-diretor do Salão, as diferenças entre charge, cartum, caricatura e HQ (História em Quadrinhos).

CHARGE, CARTUM, CARICATURA E HQ

26

Eduardo Grosso é ex-diretor do Salão e do Cedhu (Centro Nacional do Humor Gráfico de Piracicaba)

Você sabe o que são cartuns, charges, caricaturas e HQs/tiras? Conheça as diferenças entre essas linguagens comuns no jornalismo e também fundamentais ao longo da história do Salão a partir das explicações dadas por Eduardo Grosso, artista plástico e gráfico e ex-diretor do Cedhu (Centro Nacional do Humor Gráfico de Piracicaba) e do Salão Internacional de Humor de Piracicaba.

CHARGE

A charge é um desenho cujo conteúdo está relacionado principalmente à política, às ações das pessoas que estão no poder, governo municipal, federal e regional. E também questões mundiais, políticos muito conhecidos, guerras atuais. Tem muita relação com temas atuais.

CARTUM

O cartum já é um conteúdo mais universal, por exemplo, a falta de água. É um assunto que diz respeito à humanidade. Você faz um desenho no Brasil sobre falta de água, sobre desmatamento, que tem relação com isso, sobre seca nos rios. Enfim, os desmandos do homem com relação ao uso da água. Você pode fazer no Brasil mas, muito provavelmente, qualquer outra pessoa em qualquer outro lugar do mundo vai entender esse desenho.

CARICATURA

A caricatura é um retrato distorcido, geralmente de uma figura conhecida. Pode ser da música, das artes, jogadores. Você pega os traços físicos dessa pessoa e inclui um nariz maior, uma orelha menor, muda a testa, o cabelo, o corpo. Mas também busca entender como essa pessoa é interiormente. É interessante também você pesquisar para fazer uma caricatura, para que ela tenha mais verdade.

HQ OU TIRA

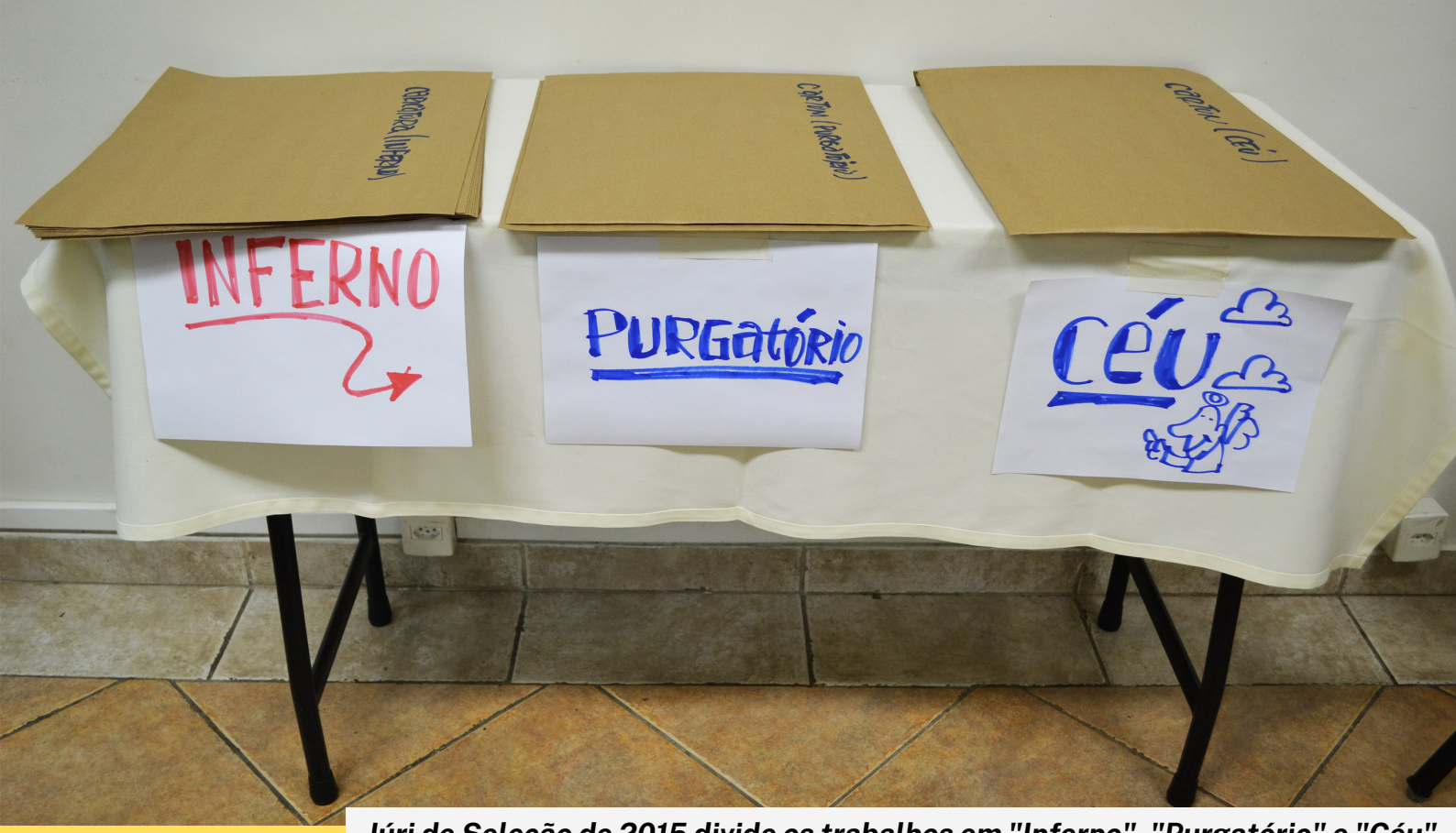
No caso das tiras e HQs, são histórias, desenhos maiores, mais extensos, com mais de um quadro. É uma história que tem uma sequência de imagens, com começo, meio e fim.

PURGATÓRIO, INFERNO E CÉU

"Acompanho o Salão de Piracicaba há muito tempo e ser jurado é uma grande responsabilidade. Trata-se, talvez, do maior evento de humor gráfico do Brasil".

Marcelo Madureira

29



Júri de Seleção de 2015 divide os trabalhos em "Inferno", "Purgatório" e "Céu"

O trabalho é criterioso. Os olhos precisam estar atentos aos detalhes. Quando a qualidade é clara, o grito é enfático. “Sim!”. Quando não agrada, o “não” também é inconfundível.

Mas há também aquelas obras que geram dúvidas e suscitam um “talvez”, o que faz com que sejam avaliadas novamente.

A tarefa do júri que anualmente seleciona as obras da mostra principal do Salão Internacional de Humor de Piracicaba tem fundamental importância para o sucesso do evento.

Na metodologia utilizada em diferentes edições, destaca-se um processo curioso: no centro da sala onde os profissionais se reúnem, três cadeiras ou mesas são marcadas com os títulos de "céu", "purgatório" e "inferno", para onde os trabalhos são destinados.

Se for ruim, vai direto para o inferno. Se for mediano e dividir o júri, fica no purgatório e pode ter uma segunda avaliação. Ganham o céu apenas as ilustrações que agradam todos ou, ao menos, a maioria.

Entre considerações e análises aprofundadas, alguns critérios primordiais estão presentes o tempo todo no trabalho de seleção.

“Habituados com a linguagem do humor, os membros do júri ficam atentos à originalidade das ideias, se há criatividade ou se os recursos gráficos propostos são bem explorados. Isso tudo, junto com a qualidade da mensagem e o fato de gerar riso, garantem um conjunto de excelência’, afirma Eduardo Grosso que, como diretor do Salão, acompanhou muitos desses júris.

Membro fundador do humorístico “Casseta & Planeta Urgente!”, Marcelo Madureira foi membro do júri de seleção em 2015.

“Acompanho o Salão de Piracicaba há muito tempo e ser jurado é uma grande responsabilidade. Trata-se daquele que, talvez, é o maior evento de humor gráfico do Brasil”, diz.

Marcelo Madureira foi membro do Júri de Seleção em 2015

ENGENHO CENTRAL: "MATURIDADE"

"A partir do momento em que o salão foi para o Engenho, ele ganhou a sua maturidade, a sua maior idade, a sua identidade".

Adolpho Queiroz

Cerimônia de abertura no palco externo do Teatro Erotides de Campos (Engenho Central)

No final dos anos 1990, o Salão ultrapassava os 20 anos. Após transitar por diferentes locais de Piracicaba e se estabelecer até então no Teatro Municipal Dr. Losso Netto, era chegada a hora de alçar novos voos. A mudança foi motivada por um incidente.

“Eu presidi a Comissão Organizadora do Salão Internacional de Humor em 1997 e foi a última edição que aconteceu no Teatro Municipal”, afirma o artista, pesquisador e professor Camilo Riani.

“Isso foi muito marcante porque, um tempo depois da realização do Salão (em 1997), houve um incêndio que demandou uma reforma e, por muito tempo, as atividades do teatro foram paralisadas”, diz.

Segundo as lembranças de Riani, já havia entre os cartunistas um desejo de permitir uma conexão maior entre o Salão e o Rio Piracicaba.

“Foi esse incidente que determinou no ano seguinte, 1998, que não tinha como realizar no teatro. E foi feito no Engenho Central, pela primeira vez, às margens do Rio Piracicaba. Foi muito simbólica aquela edição”, recorda.

NOVA CARA

O evento ganhava uma nova cara. “A partir daquele momento, a partir daquela edição, não conseguimos mais enxergar o Salão de Humor foras das margens do Rio Piracicaba”, conta Camilo.

Com pouco mais de 20 anos, o então jovem Salão Internacional de Humor de Piracicaba, na opinião de Adolpho Queiroz, conquistava sua maturidade.

“A partir do momento em que o Salão se mudou para o Engenho, ao lado do rio, ele ganhou a sua maturidade, a sua maior idade, a sua identidade”.

“Esse encantamento que o Rio Piracicaba exerce sobre a pessoas daqui e as pessoas de fora, o barulho do rio, isso forma uma paisagem única que nós temos na nossa região. E isso também trouxe mais visitantes de fora, ampliou a visitação ”, opina Adolpho.

Adolpho Queiroz no Engenho Central

SOLENIDADE DE ABERTURA

No novo espaço que, a partir daquele momento se tornaria a sede do Salão nas próximas décadas, um destaque especial, na opinião de Camilo Riani, foi a solenidade de abertura. “Os galpões ainda não estavam no estado de funcionamento que estão hoje, que o pessoal conhece".

"Então, a exposição aconteceu dentro de um dos galpões e em frente foi montada uma grande tenda de circo", diz.

"Isso foi um impacto impressionante, porque tinha toda uma metalinguagem nisso, tinha toda uma simbologia e isso acabou virando uma marca”, recorda Camilo.

Camilo Riani é artista e pesquisador

REVISITANDO A SIMBOLOGIA CIRCENSE

Décadas depois, a simbologia trazida à tona por Camilo Riani quanto à instalação de lonas circenses em frente ao Salão de Humor foi revisitada. Em 2012, o Festival Paulista de Circo, iniciado em Limeira em 2008, chegou a Piracicaba, onde teve como sede o Engenho Central. Diferentes tendas eram montadas, para receber espetáculos e oficinas, além de esquetes realizadas no próprio pátio.

A partir do ano seguinte, 2013, o Festival passou a compor a programação do Salão de Humor. Além das tendas, o Festival de Circo também apresentava números no palco externo do Teatro Erotídes de Campos – localizado em frente ao Armazém 14 do Engenho, que anualmente abriga a mostra principal do Salão.

Lonas de volta: Festival Paulista de Circo passou a compor a programação do Salão

O RIO INFLUENCIA O HUMOR

“O rio é uma espécie de centro da nossa cidade, onde tudo acontece em sua volta. Isso é muito forte para nós”.

Junior Kadeshi

Salão de Humor acontece às margens do Rio Piracicaba

Diretor do Salão Internacional de Humor, Junior Kadeshi ressalta o fato de Piracicaba ser cortada pelo manancial que dá nome ao município e em cujas margens o evento passou a ser realizado.

“Todas as grandes cidades se formam em volta de um rio. A gente vê Paris em volta do Rio Siena, Londres em volta do Rio Tâmisa. Outras cidades da Europa também, muitas se formam em torno de rios. E Piracicaba não é diferente”, afirma.

“O Rio Piracicaba tem um poder muito grande na cidade, como se ele fosse uma espécie de entidade. Ele tem uma grande personalidade e o piracicabano sempre quer saber se o rio está cheio ou vazio”.

De fato, a vazão do manancial é um tema constante na cidade e influencia o humor das pessoas. Se o rio está cheio, caudaloso, o piracicabano fica feliz e animado. Por outro lado, se a vazão é baixa, a tristeza domina. Um sentimento que é percebido facilmente no município e é corroborado por muitos pesquisadores locais.

“O Rio é uma espécie de centro da nossa cidade, onde tudo acontece a sua volta. Isso é muito forte para nós”, opina Junior.

CONEXÃO COM O RIO
... direto da Rússia!

Certa vez, uma estrangeira quis conhecer mais a fundo, literalmente, a importância e a mítica do Rio Piracicaba. Esposa de um artista russo, convidado como jurado de uma das edições do Salão, ao chegar, disse que queria nadar no manancial.

Afinal, ela tinha o hábito de nadar diariamente em um rio localizado perto de sua casa, na Rússia.

Temerosa, a equipe do evento tentou dissuadir a senhora, usando como argumento o fato do rio estar muito cheio, com fortes corredeiras, o que representaria perigo mesmo para uma nadadora que se dizia experiente.

Isso sem contar a questão sanitária e os possíveis riscos à saúde, já que as águas emanavam um forte odor e aquilo não poderia ser um bom sinal.

Em vão.

Ela fazia questão de nadar.

A saída foi levar a russa a um hotel, localizado às margens do rio, onde havia uma piscina. E ela, enfim, pôde manter seu hábito aquático.

SALÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE

“Eu vejo muito claramente a relação entre a questão ambiental e o Salão. Isso é muito sintomático, é um tema que cada vez é mais reconhecido no mundo”.

Camilo Riani

Salão de Humor está diretamente ligado à questão ambiental

Importantes festividades de Piracicaba acontecem às margens do rio, ao qual o folclore local está totalmente ligado. Pintores, artistas gráficos e cênicos e músicos são influenciados pelo manancial.

Uma relação em que a cultura e o rio caminham completamente juntos. E com isso, a cultura e o meio ambiente caminham juntos, já que o manancial é responsável por manter a vida das espécies de peixes que o habitam, da vegetação de sua margem e também da vida humana, pois, sem recursos hídricos, nós não sobrevivemos.

“Eu vejo muito claramente a relação entre a questão ambiental e o Salão Internacional de Humor de Piracicaba. É impressionante a intensidade com que o tema ecológico, ambiental, aparece nos trabalhos. Isso é muito sintomático, porque é um tema que cada vez mais é reconhecido no mundo”, afirma Camilo Riani.

“A questão ambiental é a própria vida, é existência, não só da humanidade, como do planeta”, diz o artista e professor, que acredita que “a relação entre a questão ambiental e o salão é perene, nunca vai se desconectar”.

PROVOCAÇÃO A UMA "CULTURA DO PASSADO"

Professor da USP (Universidade de São Paulo) e ex-diretor de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, Marcos Sorrentino acompanha o Salão desde a década de 1980. Para o docente, o evento é importante para a compreensão da relação entre o ser humano e a natureza.

"Por meio do humor, é possível desvendar essa problemática do ser humano em sociedades neste planeta, que necessita de outras posturas, outros posicionamentos, outras formas de organização e outros modos de produção de consumo, que sejam menos agressivos, impactantes e degradantes ao meio ambiente e à natureza como um todo", afirma.

"Desde sua existência às margens do Rio Piracicaba, dentro das instalações de um engenho que é um símbolo da monocultura canavieira e de uma cultura do passado que ainda insiste em se manter no presente, o Salão de Humor, naquela localização, já é uma provocação à reflexão sobre a necessidade de superarmos monoculturas, agriculturas de commodities e o agronegócio, em direção a uma agricultura sustentável, a uma agroecologia", diz Marcos.

Questões que, na opinião do professor, fazem do evento uma importante ferramenta para trabalhar uma educação mais inclusiva e ambientalmente mais sustentável.

"No meu ponto de vista, o Salão de Humor é uma peça fundamental para a educação ambiental, ao contribuir com essa perspectiva de sustentabilidade socioambiental", completa Sorrentino.

Marcos Sorrentino é professor da USP

SALÃOZINHO

"O Salãozinho é uma ferramenta fundamental e também ajuda no crescimento e na personalidade da criança".

Erasmo Spadotto

Salãozinho de Humor reúne anualmente trabalhos de crianças e adolescentes com idades entre 7 e 14 anos

Uma mostra com trabalhos de humor produzidos exclusivamente por jovens artistas – e põe jovens nisso! Esse é o Salãozinho de Humor, realizado pela primeira vez em 2002.

São duas categorias: uma para crianças de 7 a 10 anos e outra para crianças e adolescentes entre 11 e 14 anos

O objetivo é usar o desenho como uma ferramenta de conhecimento e uma forma de mediação entre a arte e a educação, além de fomentar o desenvolvimento de novos artistas e incentivar a formação de um público que esteja mais familiarizado com a linguagem do humor.

Os trabalhos passam por uma comissão de seleção e premiação, que avalia qualidade, linguagem e técnicas utilizadas. Considerado uma linguagem universal, o desenho é ainda uma forma por meio da qual meninos e meninas se comunicam com alguma facilidade.

HUMOR EM SALA DE AULA

O Salãozinho tem um processo educativo. Anualmente, é realizado o curso “Humor em Sala de Aula”, cujo objetivo é orientar os professores das redes pública e particular quanto à inserção, nas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Artes, da linguagem do humor gráfico como ferramenta de aprendizado e reflexão.

A proposta é despertar o senso crítico dos alunos ao tornar acessível o contato com as obras do acervo do Salão. Cabe a eles, após o contato prévio com a linguagem, decidir se produzirão ou não material para o Salãozinho.

"Eu visitei muitas escolas e o que eu mais ouvia era 'eu não sei desenhar'. No fim, a criança desenhava. Desenho é treino, é você insistir e buscar sua identidade no traço", diz Erasmo Spadotto.

O cartunista e ex-diretor do Salão acredita que muitos artistas começam a desenhar na sala de aula, assim como ele. "Na minha adolescência, quando eu estudava no colégio Moraes Barros, ali eu comecei a desenhar e não parei mais. Segui para o humor e para a arte gráfica por conta do Salão, essa influência é verdadeira", recorda.

"O Salãozinho é essa ferramenta fundamental e também ajuda no crescimento e na personalidade da criança. Qualquer tipo de arte na vida de uma pessoa só ajuda".

"A garotada, quando vê sua obra selecionada e colocada no painel do evento, se emociona. Isso é uma maneira de fortalecer a arte, esse dom e o gosto pelo desenho", completa Spadotto.

Erasmo Spadotto é ex-diretor do Salão e do Cedhu (Centro Nacional do Humor Gráfico de Piracicaba)

MULHERES NO HUMOR

“Tem muito mais mulher participando e isso vem crescendo também com o esforço do Salão de Piracicaba, que apoia muito isso”.

Synnöve Hilkner

Com o objetivo de estimular e oferecer espaço a artistas (amadoras ou profissionais) brasileiras e estrangeiras para mostrarem suas produções gráficas, foi criada em 2011 a mostra “Batom, Lápis e TPM”, que surgiu após os organizadores detectarem um número reduzido de mulheres inscritas no Salão em relação aos homens.

Considerada pioneiro no universo feminino do humor gráfico, a mostra conta anualmente com mais de 200 inscrições de mulheres de diferentes partes do mundo. A exemplo da exposição principal do Salão, a “Batom, Lápis e TPM” reúne cartuns, caricaturas, charges e tiras.

A primeira edição aconteceu no hall do Teatro Municipal Dr. Losso Netto e em 2012 veio a mudança para o Engenho Central. A mostra acontece no mês de março, como forma de comemorar o Dia Internacional da Mulher e é uma espécie de “esquenta” para o Salão, realizado a partir de agosto.

FORÇA E DETERMINAÇÃO

Mulher contemporânea que se notabilizou ao defender a educação em um território dominado pelo terror, a paquistanesa Malala Yousafzai sobreviveu a três tiros em um atentado sofrido quando ia para a escola quando tinha apenas 15 anos, recebeu o Prêmio Nobel da Paz e se tornou uma das pessoas mais influentes do mundo e também uma referência para mulheres de todos os cantos do planeta.

A força e a determinação de Malala serviram de inspiração para Synnöve Hilkner, que nasceu na Finlândia e mudou-se para o Brasil ainda criança. A artista retratou a ativista em uma escultura exposta no 45º Salão, em 2018.

“A Malala representa uma força muito grande dentro dessa imagem de fragilidade e de delicadeza que ela tem. Ela representa muito para a força feminina, para a força da educação”, diz a artista, que utilizou uma vestimenta rosa, com destaque aos cílios, reforçando a personalidade feminina e também a imponência da personalidade retratada.

“Eu usei a ideia da mão dela segurar aquele tiro que quase tirou sua vida, mas a fortaleceu, o caderno, o lápis e os seus dizeres. Uma criança, um professor, um caderno e um lápis podem mudar o mundo”, diz.

No ano seguinte, 2019, Synnöve venceu o prêmio Escultura com um trabalho que retrata a cantora Maria Bethânia feito com elementos como biscuit, lã, vinil e maquiagem.

“Eu fico feliz porque eu vejo que tem muito mais mulher participando e isso vem crescendo também com o esforço do Salão daqui, que apoia muito isso, além da gente indo lá e fazendo bons trabalhos”, completa a artista.

Synnöve Hilkner com duas diferentes esculturas. ambas de sua autoria, em edições distintas do Salão: Malala Yousafzai (2018) e Maria Bethânia (2019)

INIMIGO OCULTO

“No passado, existia um inimigo bem claro, que era a ditadura, a censura. Hoje, não se sabe bem quem é o inimigo”.

Luis Fernando Verissimo

Laerte integrou o júri de premiação do Salão de Humor em 2015

Minutos antes do júri de premiação da 42ª edição do Salão começar a analisar os trabalhos selecionados, uma rápida coletiva de imprensa foi organizada no Armazém 14 do Engenho Central.

Uma das integrantes do júri, Laerte Coutinho, foi questionada por este autor quanto às alterações que a artista percebia no evento entre o ano de 1974, quando faturou o primeiro lugar, e aquele 2015.

A resposta bem-humorada arrancou gargalhadas dos jornalistas, dos organizadores e dos demais jurados.

“A cidade cresceu, eu virei mulher...tudo mudou”.

Brincadeiras à parte, Laerte apontou qual era, na sua opinião, a principal alteração.

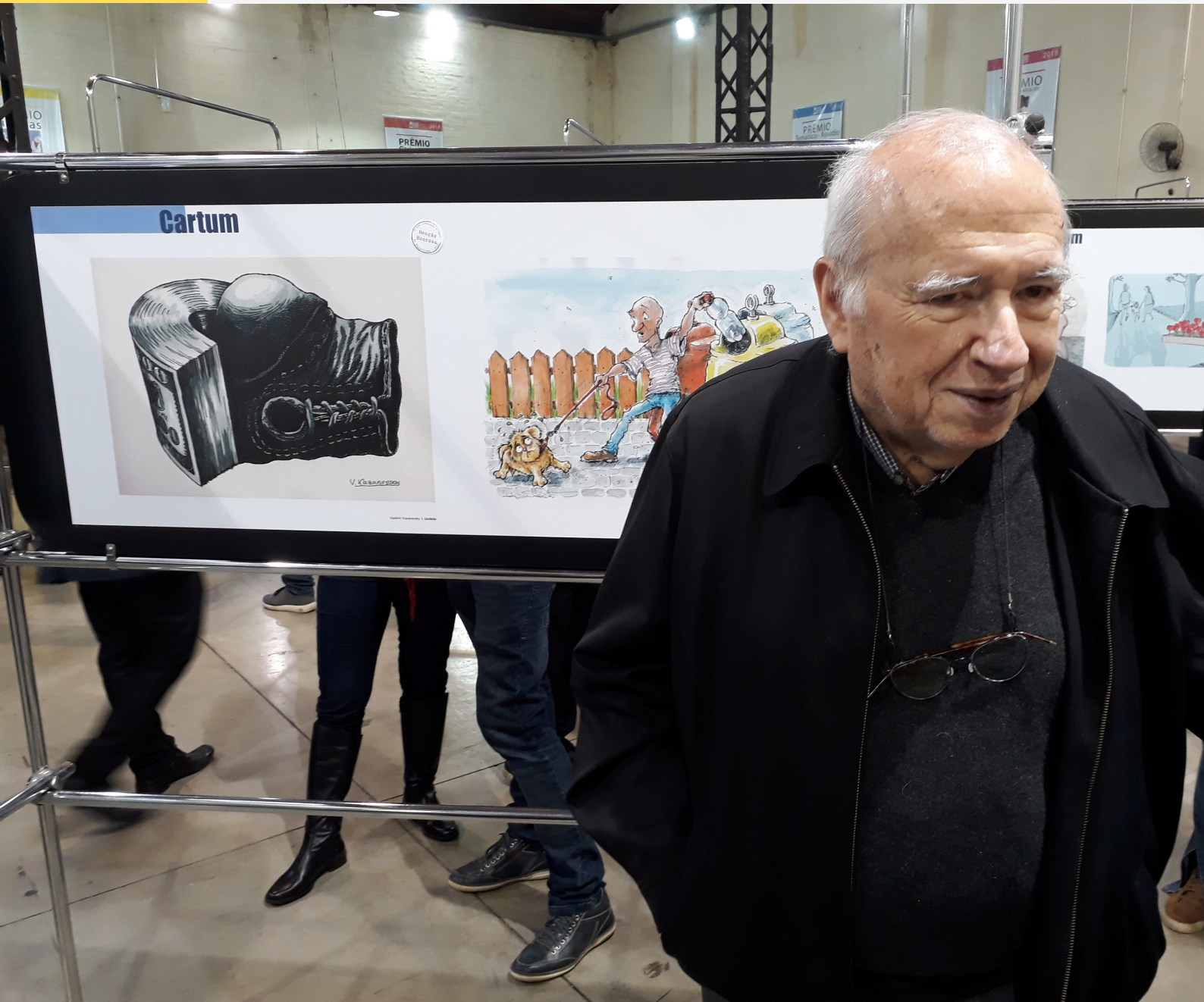
“A ditadura acabou e o salão tem muito a ver com a derrota dessa ditadura e com a busca por uma expressão democrática também no contexto da linguagem do humor. Eu acho que essa é a diferença básica”.

NÃO SE SABE MUITO BEM...

Três anos depois, em 2018, ao responder à mesma pergunta, o escritor Luis Fernando Verissimo – que esteve presente na segunda edição do Salão, em 1975 – trouxe à tona uma reflexão acerca do assunto.

“Naquele tempo, existia um inimigo bem claro, que era a ditadura militar, a censura. Hoje, não se sabe bem quem é o inimigo”, opinou o escritor.

Luis Fernando Verissimo esteve presente em diferentes edições do Salão desde 1975



TRISTE REALIDADE

Embora o Brasil tenha se livrado das amarras da ditadura, outros países ainda padecem com regimes totalitários e truculentos. E como uma espécie de vitrine do que acontece no mundo, o Salão continuou a evidenciar os traços de artistas de todo o planeta.

O vencedor do Grande Prêmio da edição de 2014 foi o artista iraniano Afshin Nazari, cujo cartum retrata um indivíduo que está preso. Uma triste ironia compõe o trabalho.

O homem se vê livre das grades e, aparentemente, num primeiro momento, tem a ideia de fugir da prisão. Porém, abre-se espaço para a incerteza e nota-se que a as grades quebradas possibilitam ao condenado alcançar altura suficiente para tirar a própria vida.

Falando sobre artistas iranianos, conversamos com dois que estiveram em Piracicaba em 2019, quando foram membros do júri de premiação da edição daquele ano do Salão.

Embora vivam em um país de liberdade reduzida, eles conseguem fazer com que suas vidas "pulsem arte".

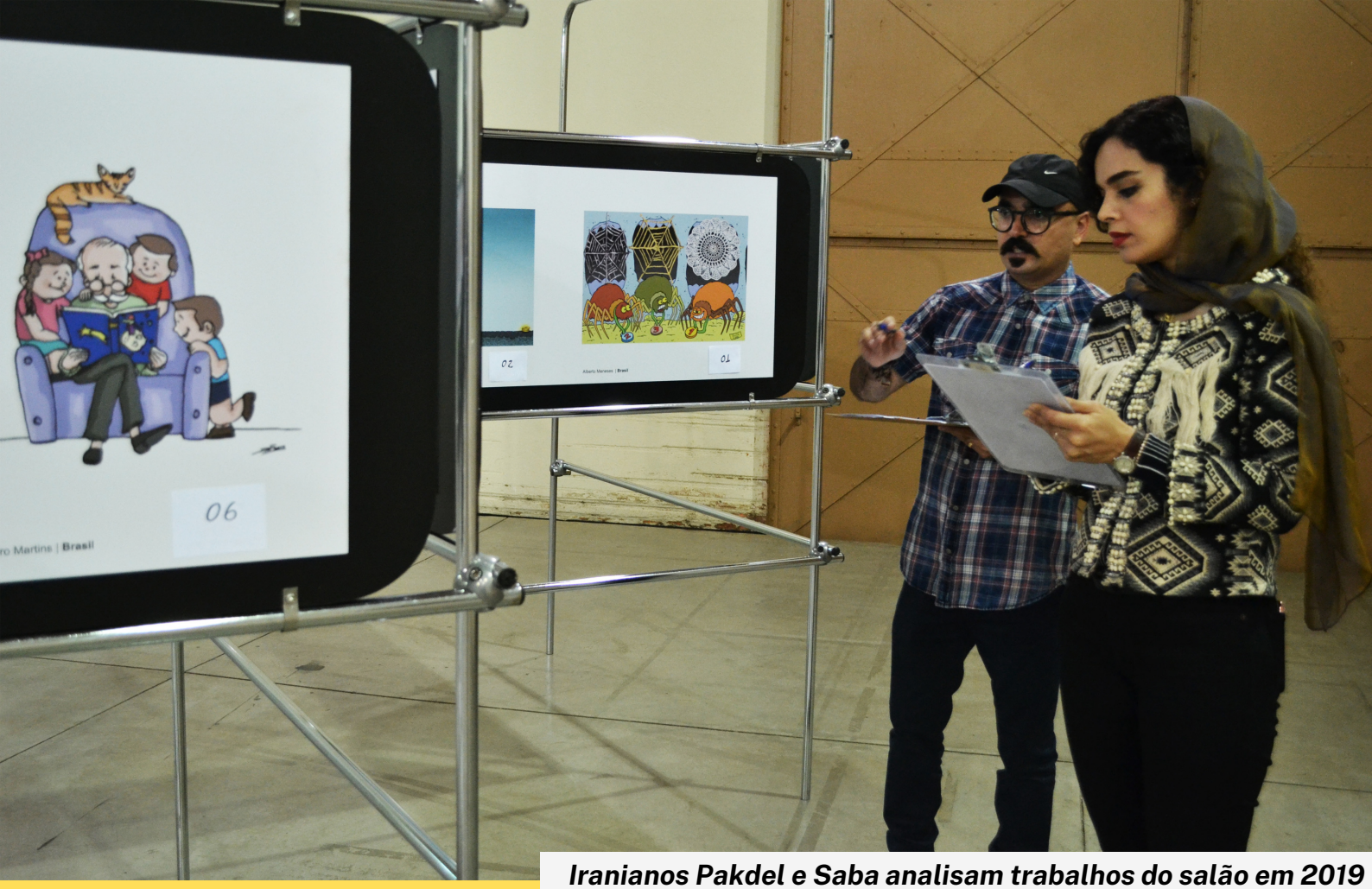
É o que veremos no próximo capítulo!

Trabalho do iraniano Afshin Nazari recebeu o Grande Prêmio em 2014

"NOSSAS VIDAS PULSAM ARTE"

“O Salão de Piracicaba é conhecido em todo o mundo. Um dos meus objetivos era ganhar um prêmio neste festival. O sonho se tornou realidade”.

Alireza Pakdel



Iranianos Pakdel e Saba analisam trabalhos do salão em 2019

Com um sistema político complexo, em que características de uma democracia moderna unem-se a elementos de uma teocracia islâmica, o Irã é um país onde diferentes restrições são presentes.

As adversidades, porém, não impediram o amor à arte e a atuação de Alireza Pakdel e Saba Darabian. “A arte é tudo na nossa vida. Como um casal, fazemos com que nossas vidas pulsem arte”, afirma Saba.

Os iranianos Pakdel e Saba foram membros do júri de premiação do 46º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 2019. “É um prazer fazer parte do júri. Gostei do Brasil, achei as pessoas muito amigáveis, os brasileiros são muito hospitaleiros”, diz a artista.

Para o trabalho no júri, Saba trouxe sua experiência como artista e educadora. “Sou ilustradora e trabalho para uma revista. Atuo também como professora de pintura, com adolescentes e crianças. Amo meu trabalho, mesmo que seja difícil fazer dinheiro com a arte. Mas eu prefiro fazer isso, não outro trabalho”, completa a iraniana.

GRANDE PRÊMIO

Em 2016, Pakdel foi o vencedor do Prêmio Charge e também do Grande Prêmio do evento piracicabano com um trabalho que traz à tona o naufrágio de refugiados de países do Oriente Médio, diante do olhar passivo de um Ocidente que se mostra insensível a tal drama.

“O Salão de Piracicaba é conhecido em todo o mundo por sua grande qualidade. Um dos meus objetivos profissionais era ganhar um prêmio neste festival e conquistei o primeiro lugar em charge e o Grande Prêmio em 2016. O sonho se tornou realidade”, comemora.

Ao longo dos anos, o Salão tem registrado uma grande participação de artistas iranianos, algo que Pakdel atribui à representatividade do evento piracicabano e à popularidade da linguagem do humor naquele país.

“Caricaturas e cartuns são muito populares no Irã e agradam pessoas de diferentes idades, homens e mulheres", diz.

"Esse é um motivo para os artistas trabalharem ainda mais forte nesse campo, ao produzir obras para diferentes festivais do mundo”, completa o artista iraniano.

Trabalho do iraniano Pakdel faturou o Grande Prêmio do Salão em 2016

CHARLIE HEBDO E HOMENAGENS

Je Suis Charlie!

56

Aterradora, a imagem foi exaustivamente exibida por telejornais de diferentes partes do mundo: dois homens encapuzados, de vestimentas escuras, portando fuzis, correm em direção a um policial caído no chão, ferido, que levanta um dos braços, em claro sinal de rendição.

Sem perder tempo, um dos homens executa o policial a sangue frio. Por si só, o fato descrito é tenebroso. Porém, esse foi apenas um dos momentos de um trágico 7 de janeiro de 2015 que desde então ficou na memória.

Os assassinos foram identificados como dois irmãos franceses muçulmanos ligados à organização terrorista Estado Islâmico, que pouco antes haviam invadido a sede do jornal satírico parisiense "Charlie Hebdo", onde dispararam suas armas.

O atentado deixou doze mortos, entre eles, importantes cartunistas, como Stéphane Charbonnier (Charb), Jean Cabut (Cabu), Bernard Verlhac (Tignous) e Georges Wolinski.

Conhecido pela crítica ácida e pelas charges e cartuns que ironizam desde setores da sociedade até diferentes religiões, o "Charlie Hebdo" ficara marcado pelas constantes sátiras ao islamismo, que resultaram em atentados anteriores – sem vítimas fatais – e muitas polêmicas e ameaças por parte de fundamentalistas.

Após os ataques, os terroristas se vangloriavam pelo fato de terem “vingado o profeta Maomé”.

No mesmo dia, o Conselho Consultivo do Salão Internacional de Humor de Piracicaba publicou um manifesto, que lembrava que “o humor gráfico tem como traço principal, historicamente no mundo todo, a sua não subserviência a quaisquer tipos de ditaduras, sejam políticas, militares ou religiosas”.

SOMOS TODOS CARTUNISTAS

Como forma de homenagem aos profissionais mortos, o Salão de Piracicaba realizou, no mesmo ano, na Casa do Povoador, o evento “Somos Todos Cartunistas”, uma alusão à frase “Je Suis Charlie” (Somos Todos Charlie, em português), que se espalhou pelas redes sociais após o atentado.

No evento piracicabano, artistas da região se uniram numa ação em favor da liberdade de expressão e contra a violência, cuja importância foi ressaltada pelo participantes, entre eles, o cartunista Rodrigo Geraldo, de Santa Bárbara D´Oeste.

“É muito importante essa mobilização, pois o atentado afetou toda a categoria dos artistas, sejam eles profissionais ou amadores”, opina.

Para o cartunista Paulo Branco, de Campinas, o ataque foi resultado de um “choque de cultura”. “Houve desrespeito dos dois lados, porém, matar não deveria ser uma opção”, diz.

Evento "Somos Todos Cartunistas", na Casa do Povoador

QUASE VEIO!

Uma das vítimas fatais do atentado em Paris, George Wolinski, durante uma edição do PortoCartoon, em Portugal, foi convidado a fazer parte do júri de uma das edições do Salão pela então secretária de cultura de Piracicaba, Rosângela Camolese, que ganhou um desenho do cartunista.

Mesmo com a dificuldade em viajar de avião devido a uma trombose, o artista, a princípio, aceitou o convite. “Foi uma honra para nós ele ter aceitado".

"Porém, infelizmente, quinze dias antes da viagem a trombose piorou e ele não pôde vir, já que ficou impedido de voar”, conta Rosângela, sensibilizada com o ocorrido na capital francesa.

“Não dá para acreditar que em pleno século 21 ainda existam atentados dessa natureza. De maneira extremamente covarde, vidas foram ceifadas”, completa.

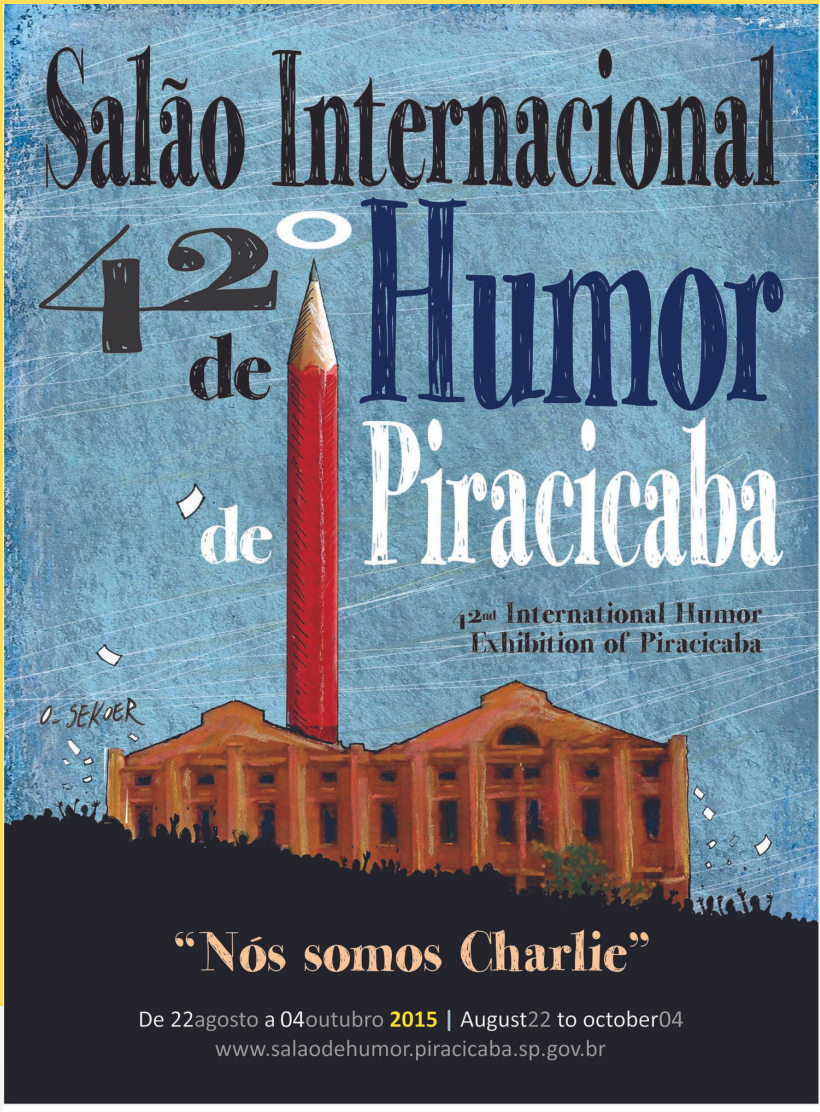
Público acompanha solenidade de abertura do Salão de Humor

CARTAZ

O cartaz da 42ª edição do Salão prestou homenagem às vítimas do atentado e foi criado pelo cartunista belga O-Sekoer, pseudônimo de Luc Descheemaeker. O material tem a ilustração do Parque do Engenho Central com um lápis no lugar de uma de suas chaminés.

"O desenho traz uma sombra escura, com milhares de pessoas olhando para o prédio do Engenho. É como se ele fosse um símbolo da paz e da liberdade de expressão para a humanidade", descreve O-Sekoer.

"Eu comecei a enviar desenhos para o Salão em 1991, fui membro do júri por duas vezes e fui premiado quatro vezes. Fiquei muito orgulhoso com o convite para fazer o cartaz com esse tema, em memória das vítimas do Charlie Hebdo", completa o artista.



Cartaz da 42ª edição, do Salão, criado peelo cartunista belga O-Sekoer, (pseudônimo de Luc Descheemaeker)

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E A ARTE QUE ROMPE A HARMONIA

“Que significa o riso? Que haverá no fundo do risível? (...) Ou de comum entre uma careta de bufão, um trocadilho, um quadro de teatro burlesco e uma cena de fina comédia?”. O filósofo francês Henri Bergson já evidenciava o quanto a comicidade é emblemática e até paradoxal em sua obra clássica "O Riso: Ensaio Sobre a Significação do Cômico".

Aliás, antagônico é falar em riso quando ainda é presente a lembrança do covarde atentado ao jornal francês de humor "Charlie Hebdo", não apenas ao modo de produção e sua essência, mas à vida daqueles que o produziam e disseminavam sua proposta.

Não há comicidade no que não é propriamente humano, como também disse Bergson. Uma paisagem pode ter beleza, imponência, ou ser feia, até desprezível. Mas, jamais poderá ser risível.

Podemos rir de um animal, mas apenas pelo fato dele ter adquirido certa expressão humana que reconhecemos, da mesma forma que um chapéu só é engraçado quando recebe determinada forma, conferida pelo ser humano.

Rir é humano, tal como errar o é. Mas podemos rir da crença alheia? Zombar da religião, costumes, crendices? Ou ainda, cercear essa possibilidade seria, em última instância, coibir a liberdade de expressão, acarretando tudo o que isso traz de negativo?

Tais questões são um tanto complexas e já ouvi justificativas convincentes de pessoas que possuem opiniões divergentes.

É fato que a piada não é um discurso neutro. E há a insensibilidade que acompanha o riso, ou sua “razão de ser”, o que Teixeira Coelho chama de “belo perdido”. Na voz do professor e pesquisador, “uma pessoa bem vestida anda pela rua, escorrega e cai. A harmonia que ela trazia (andar em pé, ereta, elegante, bem vestida) se rompe, e eu, observador, rio”.

Rio tanto por alívio, já que tal fato não aconteceu comigo, como que por maldade, o rompimento da harmonia daquela pessoa é motivo para o meu riso, que não deixa de ser carregado de deboche.

Sim, o ser humano é debochado. E não é uma delícia isso? Talvez, essa questão do “belo perdido”, que faz da linguagem do humor a arte que rompe a harmonia, seja a responsável por fazer do riso, ou essencialmente, a comédia, com a qual o "Charlie Hebdo" trabalha, uma arte considerada menor.

O trágico e o dramático sempre foram superestimados ante o cômico. Sim, sou grande fã das obras de William Shakespeare, Stanley Kubrick, John Lennon, Clarice Lispector. Mas, igualmente, admiro o trabalho de Charles Chaplin, Chico Anysio e, na era da caricatura, charge e cartum, de Jurij Kosobukin, além dos nossos Erasmo Spadotto e Eduardo Grosso, entre tantos outros.

Sou Charlie? Sou a favor da liberdade de expressão, aquela que extremistas islâmicos – e não só eles – não conhecem por não fazer parte de seu horizonte cultural. Sentimento compartilhado tanto por franceses como por pessoas de outras nacionalidades que também lamentaram e reverenciaram os agora mártires.

Por isso, Je Suis Charlie!

50 ANOS SEM MODÉSTIA!

“Uma mostra de quadrinhos com essa grandiosidade eu nunca tinha visto em lugar nenhum”.

Luiz Gê

63

O Salão Internacional de Humor de Piracicaba se prepara para comemorar, em 2023, meio século de uma história inspiradora. Oito anos antes, em 2015, o artista Luiz Gê comemorou os 50 anos de sua carreira com uma exposição que compôs a edição daquele ano do Salão e à qual ele direcionou um olhar sem falsa modéstia. “Uma mostra de quadrinhos com essa grandiosidade eu nunca tinha visto em lugar nenhum”, afirma. Confira, a seguir, mais informações!

Luiz Gê no Salão

Artista realizou retrospectiva de 50 anos de carreira em 2015

Uma estética diferenciada, com suportes nada convencionais e a utilização de obras em 3D, além de desenhos de diferentes tamanhos em cores e também em preto e branco, dispostos em caprichadas estruturas de madeira, cujo projeto cuidadoso entrega a formação em arquitetura de seu idealizador.

Para tudo ficar pronto a tempo foi necessário que os organizadores adentrassem as madrugadas às vésperas da abertura. Afinal, uma retrospectiva de meio século merece um olhar especial.

A exposição “Luiz Gê Quadro a Quadro”, que reuniu cerca de 600 trabalhos produzidos pelo importante cartunista e ilustrador desde os anos 1960, compôs a programação oficial do 42º Salão de Humor.

A mostra evidenciou a trajetória do artista desde a revista "Balão" até trabalhos experimentais em 3D, passando pelo período da Imprensa Alternativa, pelas charges políticas da Folha de S. Paulo durante a ditadura, pela revista "Circo" e as HQs "Tubarões Voadores" e "Avenida Paulista".

Foi a primeira retrospectiva do artista, precursor na forma de registrar sistematicamente e transformar a paisagem urbana de São Paulo em foco central de suas histórias.

Com um novo e dinâmico conceito, a exposição demonstrou o poder do desenho e do humor no intuito de ultrapassar fronteiras artísticas e que se transforma, ela mesma, em uma obra viva, independente e expressiva por direito próprio.

“Uma mostra de quadrinhos com essa grandiosidade eu nunca tinha visto em lugar nenhum”, opina Luiz Gê, sem modéstia.

Com trabalhos que comunicam entre si, o projeto foi pensado e concebido para, além da própria trajetória de Gê, evidenciar momentos emblemáticos no contexto nacional, como a ditadura militar, a luta pela história em quadrinhos brasileira e os veículos que proporcionaram esse caminho.

IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE: "IMUTÁVEL"

"Uma coisa imutável, que perdura, é a criatividade. O Salão estimula a pessoa a ser criativa".

Fred Ozanan

Cartunista paraibano Fred Ozanan está sempre presente no Salão

Fred Ozanan é uma figura muito presente no Salão. O cartunista de Campina Grande (PB) notabilizou-se por ter trabalhos selecionados ininterruptamente por mais de 20 edições, o que ele considerada um fato extremamente difícil e importante.

"Há uma grande concorrência anualmente, além da mudança de hábitos, de costumes e de conceitos. Ser selecionado tantas vezes significa que consegui me adequar e me adaptar a toda essa nova realidade que se apresenta todos os anos", opina.

Quanto às alterações na linguagem do humor gráfico ao longo dos quase 50 anos do Salão de Piracicaba, o artista afirma que houve muitas mudanças na parte técnica. "Mas eu acredito que uma coisa imutável, que perdura, é a criatividade. O Salão fomenta essa possibilidade e estimula a pessoa a ser criativa", diz.

"A gente vê anualmente o surgimento de novos artistas, novos cartunistas, que são provocados a serem mais criativos que os outros e procuram sempre uma maior qualidade para o humor que apresentam. Isso é um dos pontos importantes do Salão e um eixo que faz com que Piracicaba se destaque no mundo", completa Fred.

A criatividade é apontada também por Evandro Luiz da Rocha como uma forma de superar momentos adversos. "A gente vive numa época complicada, mas isso é bom para fomentar a criatividade do artista e mostrar uma crítica para as pessoas. É uma ferramenta muito forte", afirma.

O cartunista de Divinópolis (MG) foi o vencedor do Prêmio Charge e do Grande Prêmio da edição de 2019 do Salão com uma obra crítica ao Poder Judiciário. "Essa charge, na minha visão, desconstrói um pouco a ferramenta do juiz, que é o martelo, transforma ela em uma marreta de um pedreiro, e desconstrói também a espada, que virou uma bengala, distinguindo bastante a ideia do que é o judiciário e do que é a Justiça".

"Hoje em dia essa ferramenta, o martelo, está deixando essa Justiça ficar dando voltas e não deixa ela chegar em um lugar justo, no lugar que deveria chegar. Parece que ela está em função de um poder que não olha para a população, para as coisas justas, que deveria ser olhado", diz Rocha.

O salão se mantêm, ao longo dos anos, como uma ferramenta para os artistas tecerem críticas e evidenciar aquelas que, em sua visão, são mazelas da sociedade. Críticas e pensamentos que, nos últimos anos, chegaram mais facilmente ao público. É o que veremos a seguir.

Evandro Rocha com os seus prêmios e ao lado de sua charge vencedora

NOVAS MÍDIAS: MAIS PRÓXIMO DO PÚBLICO!

Pouco antes de se tornar um cinquentão, o Salão busca atingir um público ainda maior, por meio de diferentes linguagens e iniciativas de mídia. Entre essas realizações, destaque para a presença na mídia digital (fundamental, principalmente com a pandemia de covid-19). Confira algumas ações:

JORNAL RISO

O Jornal Riso teve diferentes edições anuais entre 2015 e 2019, com reportagens sobre artistas, premiações e atividades focadas em uma edição específica do Salão, além de transitar pela história do evento e trazer curiosidades.

https://issuu.com/salaodehumor.piracicaba

PODCAST RIVERBEIRAR

Com três capítulos, o podcast "Riverbeirar: Jornalismo Cultural Podcast" foca na influência do Rio Piracicaba na cultura local. O segundo episódio, com cerca de 30 minutos, aborda o Salão, por meio de entrevistas com artistas e organizadores.

https://riverbeirar.wixsite.com/inicio/podcasts

DIÁLOGOS CULTURAIS

Com o objetivo de debater a cultura local, a série de debates "Diálogos Culturais" realizou, ao longo de 2021, lives mensais. Uma das edições abordou o Salão, em debate que reuniu Junior Kadeshi, Fausto Longo, Camilo Riani e Nani Mosquera.

https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1016060195911482

TOUR VIRTUAL

Com a pandemia de covid-19 e as restrições quanto às reuniões de pessoas, o Salão precisou se reinventar. Um dos resultados é um tour virtual em que é possível, de qualquer parte do mundo, acompanhar os trabalhos que compõem a mostra.

https://www.youtube.com/watch?v=urBy8jtMCkk

SITE E REDES SOCIAIS

Como não poderia ser diferente, o Salão conta com um site próprio, onde são disponibilizadas as principais informações do evento, com links para downloads de materiais. As redes sociais (Facebook e Instagram) disseminam as principais notícias e permitem interação com o público.

https://salaointernacionaldehumor.com.br/

Site oficial do Salão Internacional de Humor

DIFERENTES AÇÕES

72

Em quase 50 anos de existência, o Salão criou diferentes abordagens, que ajudaram a diversificar a programação e atrair o olhar de mais pessoas, em diferentes cidades e países, ao longo de sua história. Confira algumas dessas importantes ações.

.

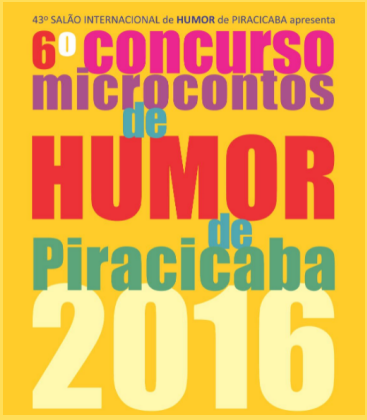
PARALELAS

Focadas nos trabalhos de artistas importantes no cenário nacional e internacional, as exposições paralelas trazem um charme especial a cada edição do Salão, por levarem o humor a diferentes espaços de Piracicaba e até de outras cidades do mundo.

METRÔ

Anualmente, caricaturas do Salão são expostas nas principais estações do Metrô de São Paulo, locais onde milhares de pessoas passam diariamente. Mesmo na correria do dia a dia, são muitos aqueles que fazem questão de parar e ter momentos mais leves, de proximidade com a arte.

MICROCONTOS



Escrever um conto de humor com poucos caracteres é um desafio, cujo resultado final, em muitos casos, é incrível! O aguardado Concurso de Microcontos de Humor exige criatividade e poder de síntese e reúne anualmente a participação de pessoas de diferentes cidades e outros países de língua portuguesa.

FEIRA DE QUADRINHOS

Ponto de partida de muitos na literatura, no desenho e nas artes gráficas, os quadrinhos são tema de feira que reúne stands de livrarias do ramo, numa ação que atrai pessoas de diferentes idades.

OFICINAS

Anualmente o Salão realiza oficinas culturais, processos educativos em que são ensinadas práticas relacionadas às artes gráficas e ao universo do humor, voltados a profissionais e amadores.

LIVROS

O acervo bibliográfico do Salão reúne cerca de 800 itens, entre livros, HQs e documentos ligados ao humor gráfico. Além disso, anualmente acontece o lançamento de livros assinados por artistas gráficos, jornalistas e escritores.

CAMINHADA

Atração que une cuidados com a saúde e bom humor, a Caminhada com Humor acontece anualmente numa manhã de domingo pelo entorno do Engenho Central.

FUTURO E PATRIMÔNIO

"Nós entendemos que o futuro é digital, mas que não podemos abandonar o físico, o analógico".

Mateus Piffer Jr.

SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACICABA

INTERNATIONAL HUMOR EXHIBITION OF PIRACICABA

SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACICABA

INTERNATIONAL HUMOR EXHIBITION OF PIRACICABA

Trabalhos dos artistas Baptistão (esquerda) e Miguel Paiva (direita)

A tão esperada 50ª edição do Salão Internacional de Humor, agendada para 2023, se aproxima cada vez mais. Para marcar a contagem regressiva, a agência de marketing digital Neurônio Adicional lançou em 2021 o projeto "50 anos 50 mãos".

A cada 15 dias é lançada uma releitura do logo do Salão produzida por um artista com forte relação com o evento. Inspirado na proposta de logo cambiável da MTV (Music Television), que funcionou por muitos anos e marcou os anos 1990 e início dos anos 2000, o projeto já lançou trabalhos produzidos por nomes como Baptistão, Miguel Paiva e Jal.

A finalização acontece na abertura da 50ª edição, quando todas as releituras que compõem essa galeria estarão disponibilizadas no site oficial do evento.

"Nós entendemos que o futuro é digital, mas que não podemos abandonar e subestimar a importância do físico, do analógico", afirma o diretor executivo da agência, Mateus Piffer Jr., que aponta as novidades que serão destinadas ao site com participação do público.

"Muita coisa vai acontecer, vai ter banner do site que será produzido ao longo de um processo de Cartoongrafia colaborativa durante a próxima edição do Salão. Vai ter muita coisa interativa, muita novidade acontecendo nesse site novo", diz.

Para o diretor do Salão, Junior Kadeshi, o evento chega aos 50 anos encontrando um mundo diferente, mais globalizado e conectado com os desafios impostos pela pandemia de covid-19 que assola o planeta.

Por quanto tempo ainda assolará? Infelizmente não é possível responder essa pergunta nesse momento, mas é fato que o Salão precisou se adaptar a essa nova realidade a partir de 2020 e focar mais no ambiente digital. Em 2021, a cerimônia de abertura, a mostra principal e as exposições paralelas aconteceram em formato on-line.

"Diante de tudo isso, o virtual chega definitivamente com força total. Agora já faz parte das nossas vidas e facilita as relações em todos os setores. O que se tornou uma oportunidade", opina Junior.

"O grande desafio desse cinquentão a partir de agora será aliar o físico ao virtual, alcançando, de fato e sem fronteiras, pessoas do mundo todo com sua graça, crítica, arte e, o principal: muito humor", completa o atual diretor do Salão.

Junior Kadeshi é o atual diretor do Salão de Humor

Presidente da AHA (Associação dos Amigos do Salão Internacional de Humor de Piracicaba) - criada em 2016 com o intuito de colaborar na expansão das atividades e dar suporte ao Salão com o desenvolvimento de ações -, Kevin Freitas destaca a importância da realização de um trabalho de documentação, para salvaguardar a trajetória do evento.

"Nosso Salão merece e necessita um bom trabalho de levantamento histórico, para registrar todas as histórias, momentos e experiências de quem esteve envolvido nesses primeiros 50 anos", afirma.

"Existem alguns saudosistas que dizem que o Salão não é mais o mesmo, alguns talvez por desconhecerem as origens, outros por acreditarem que os primeiros anos eram mais relevantes por serem mais políticos, pela luta contra a ditadura. Mas essa é a importância do legado, os últimos anos mostraram que a política sempre está ligada ao humor. Nós temos manifestações no humor muito políticas não só do Brasil, como de outros lugares do mundo todo", diz Freitas.

"Assim, a gente precisa se preparar para os próximos 50 anos ou mais, lembrando a origem do Salão e tendo como principal pilar a liberdade de expressão que permite este humor contestador e reflexivo. Eu vejo isso com bons olhos, pois temos grandes artistas surgindo nas mídias sociais, com um alcance jamais visto, numa frequência muito grande e excelentes ideias", completa o presidente da AHA.

Para Erasmo Spadotto, ao completar 50 anos, o Salão precisa ser mantido para os próximos anos, assim como é necessário preservar o caráter crítico que marca a história do evento.

"O Salão nunca ficou em cima do muro, sempre demonstrou opiniões, críticas e alertas. E isso precisa manter. É um cara maduro, 50 anos, experiente, sabe o que quer. No começo já sabia o que queria, mas amadureceu e hoje usa tudo isso muito bem", opina.

"A organização e quem for cuidar do evento daqui pra frente, precisa considerar o patrimônio que o Salão é. Não é só uma exposição, é uma ferramenta muito importante e a gente precisa cuidar disso. A liberdade de expressão tem que ser conservada, sempre. Sem camisa, sem legenda. É a voz dos artistas", diz Erasmo.

Um dos fundadores, Zélio Alves Pinto vê o futuro com a mesma positividade que encarou a continuidade do evento durante o processo de viabilização.

“Eu vejo com muito otimismo, porque eu sempre acreditei que o Salão seria perene. O Salão abriga as tendências, é um documento sério e importante em termos de história que narra o dia a dia, o que estamos vivendo, o que estamos fazendo, as bobagens que estamos fazendo. Ninguém faz isso tão bem como o humor”, diz Zélio.

Outro fundador, Adolpho Queiroz é o atual secretário de cultura de Piracicaba. Ele aponta, entre os desafios, os esforços para ampliar a divulgação do Salão em plataformas digitais e também atingir mais pessoas presencialmente como, por exemplo, ao promover mostras paralelas nos 24 municípios que compõem a Região Metropolitana de Piracicaba (RMP). "Vários desses municípios já manifestaram interesse", diz.

Adolpho afirma, ainda, que há diálogos junto ao Conselho Consultivo quanto à possibilidade de alterar a cenografia do Salão. "Essa cenografia que nós temos já dura mais de 40 anos. Estamos vendo se conseguimos reinventar o Salão como espaço de exposição dos trabalhos".

Outro desafio apontado pelo secretário no momento em que o Salão se aproxima dos 50 anos é a viabilização do Museu do Riso. "É um sonho antigo dos fundadores e das novas gerações, para tentar ter um espaço permanente de exposição para o Salão. Passaríamos a ter uma programação mensal, em que poderíamos abrigar artistas nacionais, internacionais, realizar debates, lançamentos de livros, ter uma memória visual", completa Adolpho.

REFLEXÕES FINAIS

"O Salão tem compromisso com a análise e a reflexão, características que motivaram sua criação na época em que a ditadura assombrava a cultura".

Em tempos em que a cultura é cada vez mais encarada como produto, levando em consideração não as necessidades específicas do público, mas aquelas da própria indústria e do mercado que a abriga, é importante notar que o Salão Internacional de Humor de Piracicaba foge dessa lógica, evidenciada por Adorno e Horkheimer, que aponta para uma redução do produto cultural à simples condição de mercadoria, quando a produção cultural está focada na produção dos bens materiais, assim como na eficiência, na previsibilidade, na rotatividade, na acumulação e no lucro.

Destoando da célebre teoria dos autores, o Salão não têm a função de mero entretenimento, uma vez que, no caso da iniciativa piracicabana, há compromisso com a análise e a reflexão, características essenciais que motivaram sua criação na época em que a ditadura assombrava a cultura e as artes.

Hoje, essa determinação permanece frente ao grande número de pessoas que, em pleno século 21, vivem em regimes totalitários. Na ponta do iceberg, a grande motivação, além de expor o melhor da produção gráfica mundial formatada na linguagem do humor, é o desejo de fazer da arte e da cultura instrumentos deliberados da mudança do homem e do mundo, ou, como afirma Sodré, de permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real, colocada à disposição de todos.

No que tange a contemporaneidade, em seu processo de gestão, o Salão vem incorporando novas tendências de mercado e aderindo à tecnologia, inclusive como forma de se adaptar à pandemia da covid-19, o que, como apontado pelo diretor do evento, representou um desafio e uma oportunidade.

Oportunidade esta que, podemos constatar, está em consonância com a ideia de políticas culturais voltadas ao conceito de ação cultural como um processo de “criação das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins”.

O curador de arte e professor Teixeira Coelho critica o fato de, em sua opinião, as “políticas culturais dirigirem supostamente para frente olhando para o espelho retrovisor”, uma metáfora para o ato de supostamente seguir adiante, porém, tendo como única referência o passado.

O Salão reverencia - e deve cada vez mais reverenciar - sua história vitoriosa e inspiradora, ao compreender a tradição como uma base fundamental que oferece um sentido, uma identidade, que permite um sentimento de pertencimento.

Mas não se restringe a isso, já que, a partir dessa reverência à tradição, o Salão trabalha com o objetivo de continuar superando barreiras, ao ampliar sua visibilidade e viabilizar um futuro em que seu grito libertário e contestador possa estar em diferentes plataformas e chegar a cada vez mais pessoas.

Um cinquentão que travou batalhas ao longo da vida, mas sempre ofereceu motivos para as pessoas sorrirem! E que venham mais 50, 100, 500 anos...

Viva a arte!
Viva a democracia!
Viva o Salão Internacional de Humor de Piracicaba!

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

Acervo do Salão Internacional de Humor de Piracicaba.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio Sobre a Significação do Cômico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário – Cultura, arte e política pós 2001.** São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2008.

COELHO, Teixeira. **A cultura no centro e um conceito decisivo de cultura**. Artigo, 2015.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2001.

MAFFEIS NETTO, João. In **PIRACICABA, 30 anos de humor.** Imprensa Oficial, Governo do Estado de São Paulo, 2003.

QUEIROZ, Adolpho. **Humor e contrapropaganda política: a contribuição histórica do Salão de Piracicaba.** (Artigo).

RIANI, Camilo. **"Linguagem & cartum...tá rindo do quê? Um mergulho nos Salões de Humor de Piracicaba"**. Editora Unimep, 2002.

RISO (Jornal do Salão). Edições de 2015 e 2019.

Site oficial do Salão Internacional de Humor de Piracicaba (salaointernacionaldehumor.com.br)

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produto**s. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

https://issuu.com/salaodehumor.piracicaba

SOBRE O AUTOR

Rafael Bitencourt é jornalista graduado pela Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), com especialização em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona (Espanha).

É diretor da Tempo D Comunicação e Cultura. Atuou em veículos de imprensa como G1/Globo, Jovem Pan News, TV Beira Rio, Educativa FM e Jornal de Piracicaba.

Em 20 anos de carreira, construiu uma trajetória sólida nas áreas de jornalismo e assessoria de imprensa cultural, além de também atuar como produtor cultural e pesquisador.

Cobriu o Salão de Humor para diferentes plataformas e atuou na comunicação do evento em edições distintas a partir de 2011.

Projeto apoiado pela Lei Emergencial Aldir Blanc nº 14.017/2020